



Identidade! é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

**PELO AMOR OU PELA DOR:
MOTIVOS E MOTIVAÇÕES PARA
SE TORNAR MÉDIUM
UMBANDISTA**

*THROUGH LOVE OR THROUGH
PAIN: REASONS AND MOTIVATIONS
TO BECOME A MEDIUM OF UMBANDA*

Alexandre Frank Silva Kaitel

Graduado em Psicologia – UFMG, mestre em Psicologia – UFMG, doutor em Ciências da Religião – PUC-Minas. Professor de psicologia da PUC-Minas. Belo Horizonte, MG, Brasil. Contato: afskaitel@gmail.com

Resumo: O artigo apresenta os motivos e motivações para se tornar médium umbandista. A construção do artigo partiu de uma pesquisa empírica realizada em quatro Centros de Umbanda da cidade de Belo Horizonte (MG). A coleta de dados ocorreu através de vinte entrevistas e observação participante de noventa rituais. Foram entrevistados doze médiuns desenvolvendo e oito sacerdotes, para um total de dezesseis horas e doze minutos de entrevistas. Os motivos apresentados pelos sujeitos de pesquisa como os principais para se tornarem médiuns umbandistas apontam para o encantamento com a religião, para a vivência de fenômenos místicos, para o fato de a família de origem ser umbandista, para o vínculo emocional com pessoas já pertencentes à religião e para a cura de enfermidades e resolução de problemas a partir do auxílio recebido na Umbanda. As motivações apresentadas apontam para a possibilidade de se desenvolver e se tornar um ser humano melhor, e para a possibilidade de receber auxílio para questões cotidianas.

Palavras-chave: Desenvolvimento mediúnico. Umbanda. Pesquisa empírica.

Abstract: This article presents the reasons and motivations to become a medium of Umbanda. The article comes from empirical research conducted with four umbandas temples in the city of Belo Horizonte (MG). The data collected was made using twenty interviews and the participant observation of ninety rituals. We interviewed twelve developing mediums and eight clergymen, for a total of sixteen hours and twelve minutes of interviews. The reasons presented by the research subjects for becoming a medium of Umbanda points to the enchantment with the religion, to the experience of mystical phenomena, to the fact that their family was umbandist, to the emotional bond with umbandist people and to the healing of diseases and solution of other problems with the support of Umbanda. The motivations presented point to the possibility to develop and become a better human being, and to the possibility to receive help to everyday issues.

Keywords: Psychic development. Umbanda. Empiric research.

Introdução

O que leva uma pessoa a buscar desenvolver-se mediunicamente dentro da Umbanda? Levando em conta o contexto sociocultural brasileiro contemporâneo, esta pergunta pode ser complementada com “mesmo em um contexto de acirramento dos preconceitos e discursos de ódio?” A sociedade brasileira tem visto o agravamento de

preconceitos religiosos e ouvido discursos de ódio contra religiões espiritualistas, principalmente contra aquelas influenciadas mais fortemente por matrizes africanas (Candomblés e Umbandas), principalmente por parte de alguns líderes religiosos evangélicos que ocupam crescente espaço nos meios de comunicação e na política¹.

É um discurso comum dizer que as pessoas procuram a Umbanda pelo amor ou pela dor, este discurso aparece na literatura umbandista e também foi repetido frequentemente na observação participante realizada nos quatro Centros pesquisados. Na pesquisa empírica demos atenção tanto aos motivos, ligados às vivências passadas, quanto às motivações, ligadas ao presente e às expectativas de futuro, para se tornar médium de Umbanda.

Faremos agora uma rápida apresentação da religião, depois explicitaremos algumas características de nossa metodologia de pesquisa. Seguiremos apresentando nossos dados de campo e as compreensões que deles fizemos. Ao final do artigo estarão as considerações finais.

Umbanda

A Umbanda é uma religião brasileira, surgida no contexto de crescente urbanização e aumento da educação formal ocorrido na primeira metade do século XX. É marcada pelo sincretismo religioso; sofrendo influências do Espiritismo kardecista, dos Candomblés, da Pajelança, do Catolicismo popular e de práticas orientais². Pode-se argumentar que a partir da globalização todas as religiões são um pouco sincréticas no sentido de serem influenciadas e de assimilarem características de outras religiões. Na Umbanda, entretanto, esse sincretismo aparece acentuado, e ao contrário do que percebemos na maioria das religiões que discursivamente diz de uma pureza inicial como forma de se promoverem, na Umbanda o sincretismo é motivo de orgulho.

¹ MARIANO, Ricardo. Pentecostais em ação: A demonização dos cultos afro-brasileiros. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). *Intolerância religiosa: Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2007. 1 v., p. 119-147.

² LAGES, Sônia R. Corrêa. *Exu – Luz e Sombras*. Um estudo psico-junguiano da linha de Exu na Umbanda. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2003.

Engler³ aponta que a principal característica da Umbanda é sua capacidade criativa de sincretizar (o autor usa hibridizar no texto em inglês) elementos sociais, culturais, históricos e geográficos. Assim, a Umbanda acaba por se tornar muitas, pois cada Centro faz um sincretismo não só de outras religiões (como apontamos no parágrafo anterior), mas também de costumes históricos e geográficos do lugar onde existe. Podemos pensar então que a Umbanda acaba adquirindo, em cada local, características diferentes, sem perder algumas características centrais que permitem nomear aquele Centro como umbandista. Birman⁴ também aponta para essa questão da unidade x multiplicidade na Umbanda.

A Umbanda é reencarnacionista. Afirma que os seres humanos (espíritos) se desenvolvem através de um processo contínuo que inclui múltiplas encarnações e tempo passado no mundo invisível entre as encarnações. É também mediúnica, pois fundamenta sua prática na crença nas inter-relações entre os mundos visível e invisível, e na possibilidade dos espíritos desencarnados incorporarem nos médiuns e auxiliarem os seres humanos vivos. Ao fazerem isso, tanto os médiuns quanto os espíritos desencarnados estariam acelerando seu processo de desenvolvimento. Fundamenta também na crença das inter-relações entre seres humanos e Orixás, seres divinos associados à natureza e que acompanham e assistem os seres humanos em seu processo de desenvolvimento contínuo durante múltiplas encarnações.

A Umbanda é também religião cristã (se autodenomina cristã, apesar de não ser reconhecida assim por outras igrejas cristãs), no sentido dos espíritos que lá trabalham o fazerem norteando-se pelos evangelhos de Cristo; e religião da natureza, pois considera a natureza sacra e o corpo tão importante quanto a alma. É religião da natureza também por cultuar os Orixás como forças da natureza, e cristã por cultuá-los como energias divinas.

A predominância da oralidade e a invisibilidade provocada pelo racismo religioso dificultam uma localização geográfica e temporal específica sobre o surgimento da Umbanda. Encontramos hoje três discursos diferentes sobre o

³ ENGLER, Steven. Umbanda: Africana or Esoteric? *Open Library of Humanities*, v. 6, l. 1, p. 1-36, 2020. Disponível em: <https://olh.openlibhums.org/articles/10.16995/olh.469/>. Acesso em: 13 set. 2020.

⁴ BIRMAN, Patrícia. *O que é Umbanda*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

surgimento da religião, que nomeamos como: relato mítico, ligado à figura de Zélio Fernandino de Moraes como fundador da Umbanda seguindo as determinações do espírito Caboclo das Sete Encruzilhadas; relato histórico, que compreende a formação da Umbanda como fenômeno social a partir da releitura urbana e moderna dos Candomblés realizadas no sudeste; relato institucional, a partir da organização de alguns princípios básicos da religião nos anos de 1930 e 1940 do século XX. Na nossa pesquisa de campo os quatro Centros pesquisados se referiram ao relato mítico, e um deles se referiu também ao relato histórico. Quando nomeamos o relato como “mítico” não estamos dizendo de algo falso ou fantasioso, segundo o significado da palavra no senso comum. Mítico, para nós, aponta para um nível diferente de significação, também verdadeira. O relato é mítico porque sua importância vem da simbologia nele utilizada, uma simbologia que indica os eixos norteadores centrais da religião, mais do que de sua veracidade histórica. Neste sentido, toda narrativa fundante de uma religião é mítica.

Negrão⁵ aponta como características da religião mesclar raízes negras, com leitura encantada do mundo, e ética cristã, com dicotomia marcada entre bem e mal, além de princípios pragmáticos ligados à caridade, de inspiração kardecista. Ortiz⁶ aponta que a Umbanda realizou uma releitura de elementos religiosos negros, brancos e índios; a partir de uma percepção marcadamente influenciada pelos costumes da classe média urbana da época. De acordo com o autor, a Umbanda surge em um contexto social de crescente industrialização e escolarização da população.

A Umbanda propõe o acolhimento de vivos e não vivos provenientes de substratos minoritários (em termos de poder) da sociedade. A incorporação de espíritos que foram, em alguma de suas encarnações (ou que para reforçar a simbologia da simplicidade se nomeiam como) espíritos de escravos (pretos e pretas velhas), indígenas (caboclos), crianças (erês), pessoas ligadas à vivência “da rua” e/ou a profissões pouco valorizadas (guardas, policiais, ciganos, prostitutas, malandros, boiadeiros, marinheiros) e migrantes (baianos e nordestinos) reforçam a integração de aspectos negligenciados da formação identitária do povo brasileiro,

⁵ NEGRÃO, Lísias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. *Tempo Social*, São Paulo, v. 5, n. 1/2, p. 113-122, 1993.

⁶ ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro. *Cadernos CERU*, v. 9, p. 119-125, 1976.

tanto quanto aspectos arquetípicos pouco valorizados da personalidade dos umbandistas⁷. A Umbanda nomeia de falange cada um desses grupos de espíritos que possuem vivências parecidas e são especialistas em determinado tipo de atendimento.

A Umbanda é nomeada no CENSO e também em várias pesquisas como religião afrobrasileira. Esta nomeação pode ser questionada apontando as influências de religiões europeias (espiritismo e catolicismo) e ameríndias na Umbanda. Por outro lado, pode ser apoiada ao lembrarmos que a religião surgiu nas periferias das grandes cidades, atendendo uma população de classe média baixa predominantemente parda e preta. Além disso, o racismo religioso que afeta os Candomblés incide também sobre as Umbandas.

Mediunidade

Mediunidade na Umbanda é a capacidade de mediar a “comunicação entre os dois planos da vida: o espiritual e o material”⁸ a capacidade de servir de instrumento para espíritos, encantados e Orixás se comunicarem e auxiliarem os seres humanos encarnados (vivos).

Na pesquisa utilizamos como conceito de mediunidade a capacidade de um ser humano, em estado não usual de consciência (como o transe, a incorporação, a experiência mística), de acessar informações e/ou capacidades que ele não reconhece ter no estado de vigília, junto com a crença que estas informações e capacidades são oriundas do contato com algum ser extrafísico. Ressaltamos que essa definição trata a existência de seres extrafísicos como verdadeira para aquela pessoa e não como verdade intersubjetiva ou objetiva.

A metodologia de pesquisa

Consideramos que a ciência é posicionada, que fazemos pesquisa a partir da posição que ocupamos no mundo e não de forma neutra. A formação acadêmica e

⁷ LAGES, Sonia R. Corrêa. Entre Iracema e a Pomba-gira Maria Padilha – a trajetória criativa da psyche. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 1, p. 1-7, 2007.

⁸ SARACENI, Rubens. *Doutrina e Teologia de Umbanda Sagrada*. São Paulo: Madras, 2010, p. 30.

peçoal do pesquisador direciona parcialmente a forma dele colher e compreender os dados de campo.

Algumas das propostas para solucionar o problema da implicação pessoal de quem estuda religião vão desde o ateísmo metodológico à necessidade de empatia pelo objeto. Outra proposta metodológica no tratamento científico das religiões aponta para a necessidade de se explicitar as próprias convicções em relação à religião e eventuais laços com igrejas, templos, terreiros ou quaisquer outras formas institucionalizadas de religião.⁹

Seguindo essa última proposta metodológica explicitamos que o autor do artigo é psicólogo, professor de psicologia, doutor em Ciências da Religião e médium umbandista.

Para a pesquisa selecionamos quatro Centros de Umbanda localizados na capital do estado de Minas Gerais, Belo Horizonte. Em cada Centro entrevistamos o sacerdote principal, um sacerdote auxiliar e três médiuns desenvolventes. As vinte entrevistas duraram juntas dezesseis horas e doze minutos. As entrevistas foram gravadas e transcritas literalmente. Os entrevistados assinaram um termo de consentimento.

Na tabela abaixo elencamos os vinte entrevistados identificados pelo nome fictício, idade, escolaridade e sexo.

Tabela 1: os entrevistados

Nome fantasia	Idade	Escolaridade	Sexo
Mãe Maria Conga	70	Ensino médio	F
Mãe Cambina	54	Ensino médio	F
Pai Antônio	48	Mestrado	M
Pai Joaquim	55	Superior completo	M
Cabocla Iara	50	Mestrado	F
Caboclo Tupinambá	36	Mestrado	M
Cabocla Jussara	38	Superior completo	F
Caboclo Arranca Toco	55	Superior incompleto	M
Pombagira do Maceió	43	Superior completo	F
Pombagira Menina	20	Superior incompleto	F
Pombagira Maria Navalha	25	Superior completo	F
Exu Tiriri	27	Superior incompleto	M
Pombagira da Meia Noite	52	Ensino médio	F
Pombagira 7 Saias	37	Ensino médio	F
Pombagira Cigana	39	Superior completo	F
Exu Cigano	24	Ensino médio	M

⁹ NUNES, Maria J. Rosado. A sociologia da religião. In: USARSKI, Frank (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 97-119, p. 105.

Pombagira Maria Padilha	31	Ensino médio	F
Exu capa preta	44	Mestrado	M
Pombagira 7 Encruzilhadas	33	Superior completo	F
Pombagira do Cais	30	Ensino médio	F

Tabela produzida pelo autor.

As pessoas identificadas por nomes de pretos e pretas velhas são sacerdotes principais, as identificadas por nomes de caboclos e caboclas são sacerdotes auxiliares, e as identificadas por nomes de exus e pombagiras são médiuns desenvolventes. Para fins dessa pesquisa conceituamos como desenvolventes os médiuns que estão desenvolvendo sua mediunidade e não começaram a atender incorporados com todas as falanges espirituais que trabalham no Centro umbandista ao qual são vinculados, ou que fazem isso a menos de um ano. Entendemos que a subjetividade é processual, estando em constante transformação, e aberta ao ambiente, sofrendo interferências do ambiente externo no qual os sujeitos estão inseridos. Assim, uma mudança de vida importante como o desenvolvimento da mediunidade acaba sempre por provocar modificações na subjetividade das pessoas que passam pelo processo.

Utilizamos entrevistas semiestruturadas na coleta de dados, aquelas onde há um roteiro de perguntas, mas há também flexibilidade para modificá-lo durante as entrevistas. Nosso roteiro teve apenas três perguntas norteadoras, para permitir que os sujeitos de pesquisa exponham o que percebem como essencial ao fenômeno estudado sem grandes interferências dos direcionamentos dados pelas perguntas do pesquisador.

As perguntas, inicialmente, eram duas; uma abrindo e outra fechando as entrevistas: 1) Conte como começou sua história com a Umbanda; 2) Tem algo mais que gostaria de dizer sobre o desenvolvimento mediúnico? À medida que aconteceram as entrevistas e a observação participante, surgiu uma unidade de sentido que acabou sendo incorporada como nova pergunta norteadora, que tratava das modificações subjetivas ligadas à incorporação de falanges específicas. O tratamento dos dados e informações foi estruturado em quatro etapas.

Primeiro, após a transcrição das entrevistas, fazemos a leitura global do texto, buscando identificar a estrutura e a lógica interna do relato. Neste primeiro momento há uma apreensão pré-analítica do clima geral da entrevista. Na segunda etapa separaremos e categorizaremos as unidades de sentido presentes nos discursos dos

entrevistados. Na terceira etapa fizemos a tradução das unidades de sentido onde se procurou correlações entre as teorias e as unidades de sentido oferecidas pelos entrevistados. Na quarta etapa fizemos a síntese, agrupando as unidades de sentido dentro de uma compreensão global do fenômeno estudado. As informações coletadas na observação participante também foram incluídas nesta etapa.

Na observação participante estivemos em giras de desenvolvimento, o principal rito de desenvolvimento mediúnico da Umbanda, e outros processos e rituais realizados com esse fim. A observação participante que realizamos incluiu dois momentos distintos. O primeiro foi a observação de sessões de desenvolvimento mediúnico, sessões de atendimento onde ocorriam também desenvolvimentos mediúnicos e outros rituais apontados pelos participantes a pesquisa como importantes para o processo. O segundo momento inclui a convivência fora dos rituais; conversas informais, nos bastidores, no café. Assistimos a aproximadamente noventa rituais durante o tempo de realização da pesquisa.

Os dados da pesquisa de campo

Nas entrevistas e na observação participante dos rituais nos focamos nos motivos, ligados ao passado, e motivações, ligadas ao presente e/ou futuro, para se tornar médium de Umbanda como relatados pelos sujeitos de pesquisa. Seguindo o discurso umbandista de que o médium se converte pelo amor ou pela dor, nomeamos os motivos em quatro motivos ligados ao amor e um motivo ligado a dor.

Motivos

Podemos agrupar os motivos apresentados em cinco categorias de sentido: 1) amor à religião, 2) amor à família, 3) amor a uma pessoa, 4) amor à experiência mística e 5) dor.

Amor à religião é quando um frequentador, encantado com as belezas da religião e/ou com sua ideologia, resolve ingressar em seus quadros mediúnicos.

“O atabaque me chama, a liberdade, a simplicidade da Umbanda me chama mais do que tudo. Mais do que tudo é a simplicidade.” (Pombagira Maria Navalha)

(E) “*Que legal.*”

“E o que me faz abraçar a umbanda na verdade, foi a frase do caboclo 7 Encruzilhadas que na umbanda aprenderemos com quem sabe mais, ensinaremos a quem sabe menos e a ninguém daremos as costas. E aí, eu falo, eu completo com minha própria frase: sejam eles encarnados ou desencarnados. Então, eu acho que isso para mim é um princípio para toda vida. E que me abrandou, me fez abraçar a Umbanda, sabe?! É, aí, eu estou desenvolvendo.” (Pombagira Maria Navalha)

Na citação acima a médium desenvolve afirma que os ideais religiosos ligados à humildade e ao acolhimento de todos defendidos pela Umbanda foram o principal motivador para sua conversão. Na observação participante referências à preocupação ecológica, à não heteronormatividade e à valorização da ancestralidade preta foram citadas também como ideais que aproximaram os médiuns da religião.

Amor à família é quando a pessoa vem de uma família onde há médiuns umbandistas, e acaba se tornando médium. As religiões de matrizes africanas são as que possuem maiores taxas de transmissão intrafamiliares, e são as únicas onde este tipo de transmissão vem aumentando, de acordo com o CENSO de 2010 citado e analisado por Almeida e Barbosa¹⁰.

Entrevistamos o sacerdote principal de cada um dos quatro Centros pesquisados, três deles vinham de famílias umbandistas. Se focarmos nos vinte entrevistados, encontramos que oito deles vem de famílias umbandistas, e que outros quatro frequentavam esporadicamente sessões de Umbanda na infância junto com seus familiares.

(E) “*Maria Padilha, como começou a sua história com a Umbanda?*”

“Bom... Eu fui criada no meio desde pequenininha com a tia C. e a tia V. e tudo mais.”
(Pombagira Maria Padilha)

(E) “*Desde pequenininha desde que você nasceu?*”

“Sim, desde que eu nasci...” (Pombagira Maria Padilha)

Amor a uma pessoa é quando um amor (dual) ou amigo inspira a pessoa em seu processo de desenvolvimento.

“Culminou de a uns oito anos, sete ano atrás, eu começar a namorar uma mulher que tava exatamente ao mesmo tempo sendo médium de um centro Kardecista e de um centro de

¹⁰ ALMEIDA, Ronaldo de; BARBOSA, Rogério. Transmissões religiosas nos domicílios brasileiros. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em Movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 311-328.

Umbanda e ela tava na época tentando decidir para qual dos dois ela ia. Eu acabei até botando uma pilha para ser Umbanda e comecei a frequentar com ela e tinha uma certa vontade que aquela experiência com a Umbanda se tornasse a minha religião mesmo, que eu frequentasse, o que seria antes o Kardecismo. No primeiro dia que eu fui com ela no centro de Umbanda onde ela era médium e é até hoje eu também sou médium desse centro.” (Exu Capa Preta)

O médium desenvolvendo nos informa na citação acima que apesar de já ter uma simpatia pela religião, foi o namoro com uma umbandista que o colocou no caminho da conversão em médium.

Amor à experiência mística ocorre quando o encantamento se deve a uma experiência fora da comum, percebida pelo sujeito como explicável apenas pela intervenção de algum ser extrafísico. Nas entrevistas realizadas para a pesquisa encontramos, para além das motivações já elencadas e não mutuamente exclusivo a elas, que muitos médiuns justificam sua inserção na Umbanda por alguma experiência mística acontecida com eles. James¹¹ propõe quatro características necessárias para configurar uma experiência como mística: inefabilidade, qualidade noética, transitoriedade e passividade. A inefabilidade diz da dificuldade em se traduzir em palavras a experiência mística, explicada em parte por ser esta experiência mais próxima de estados afetivos do que de estados intelectuais. A qualidade noética da experiência é a possibilidade que ela traga aumento do conhecimento de si e do mundo. A transitoriedade diz de uma duração temporal reduzida. A passividade é a percepção que os pensamentos, sentimentos e atos produzidos durante o transe mediúnico não foram produzidos pelo sujeito e sim por algo ou alguém exterior a ele.

Nas vinte entrevistas analisadas encontramos sessenta e três relatos de experiências místicas outras que não a incorporação. Dezoito dos vinte entrevistados elencaram vivências místicas. A incorporação é um fenômeno místico, nesta parte da análise não a contabilizamos por ser fenômeno obrigatório para que o sujeito se qualifique para fazer parte do campo. Vejamos dois exemplos de fenômenos místicos como motivação para se tornar umbandista:

(E) *“Pombagira7 Encruzilhadas, como começou a sua história com a umbanda?”*

“Tá, foi no falecimento do meu avô. Eh, quando ele vem pelo sonho, né? Naquele sonho que ele falece então meia noite, eu tenho o sonho meia noite aí eu acordo informo para L. (esposa) que estava assustada que ele tinha chegado me avisando que ele tinha ido

¹¹ JAMES, William. *As Variedades da Experiência Religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1991.

embora e estava me agradecendo, todo vestido de branco com uma rosa, entregando uma rosa branca na mão e falando que me agradecia por tudo que eu tinha feito por ele mas que agora ele iria seguir o caminho dele. E aí eu acordo meio assustada porque parecia um defunto. E aí eu fico meio assustada com a ideia, falo com a Luiza chorando meio desesperada, ela ainda diz: 'que coisa esquisita, volta a dormir'. Eu até tentei dormir novamente, mas o telefone tocou e era minha mãe avisando que meu avô tinha falecido naquele momento. Tanto que a certidão de óbito dele também marcava meia noite. E o pior que eu cheguei olhar a horas e era 00:00 e eu consigo lembrar dos detalhes assim.” (Pombagira7 Encruzilhadas)

A médium relata que foi depois desse sonho premonitório que decidiu ser umbandista, apesar do preconceito que a religião sofria em sua família. Passemos ao segundo relato.

“Que era de uma injeção que ela aplicou nela, e deu uma broca... tipo agente até brincava. Tá com o Mineirão na bunda. Era uma coisa assim. E aí, eu fiz. Achei a tal planta do jeitinho que ele (o preto velho) me falou, eu achei. Falei, será que é isso? Que ele falou assim: é uma folha assim, assim, vai ter uma flor só branquinha, assim assim, tipo uma trombeta, tipo isso. Tipo uma trombeta assim, que você toca assim, eu achei, fui. Corri lá, mostrei a dona que trabalhava com ele. É isso aqui? Ela falou, é isso mesmo. Fiz, tratei. No quarto dia, é... a carne já tinha subido. A carne já estava assim vermelha, já não tinha aquele buraco no meio. A carne tinha subido. E aí eu falei para minha mãe o Preto Velho falou para senhora ir lá. Eu prometi que ia levar a senhora. 'Eu não vou não!' Vai. A senhora vai, mãe. Faz isso comigo não. E aí nós fomos nós três.” (Mãe Maria Conga)

A sacerdotisa nos fala que foi a cura de uma ferida, resistente aos tratamentos médicos convencionais, que a aproximou da Umbanda. No relato ela nos conta também que o mesmo episódio fez também sua mãe se converter.

A procura pela dor acontece quando a pessoa, ao passar por uma dificuldade vivencial, procura a Umbanda e lá recebe auxílio e se recupera. Depois da recuperação a pessoa se insere no grupo de médiuns. Além disso, há um discurso específico que narra que algumas doenças e sintomas são na verdade chamamentos. O sintoma seria causado pela mediunidade não desenvolvida, e o pai-de-santo ou alguma entidade esclarece à pessoa que ela só vai melhorar quando iniciar-se na religião. Isto advém de um acordo de se tornar médium umbandista realizado no além, antes da encarnação, que a pessoa não está cumprindo. A cabocla lara nos esclarece sobre esse processo.

“Quando chegou no meu trabalho comecei a me sentir mal, muito angustiada, com muita vontade de chorar, uma coisa muito incontrolável. Aí eu pedi ajuda a duas amigas que trabalhavam comigo lá que também eram espíritas, uma era umbandista. E elas foram comigo para o banheiro e lá teve uma manifestação de um espírito sofredor e tudo mais e se tornou uma manifestação muito difícil porque tava dentro do meu local de trabalho e acabou que esta minha amiga que era umbandista de certa forma me socorreu e a gente foi rezando e ela teve que chamar uma entidade dela pra ajudar a fazer o transporte dessa entidade que estava comigo para que eu pudesse né, voltar a mim e aí nesse dia ela conversou comigo e falou comigo: 'olha, estou acompanhando este processo seu já tem

um tempo e acho que você devia recorrer a outro lugar, porque lá onde você está eu só estou vendo cada vez mais angustiada e manifestando várias coisas e estou vendo que você não está conseguindo uma forma de trabalhar com isso.’ E me convidou para ir ao centro onde ela trabalhava que era o centro da tia do marido dela, ela trabalhava lá já algum tempo e eu fui com ela, passaram assim um dois dias e eu fui com ela.” (Cabocla lara)

Para os que relataram ter recebido o convite para ingressar no Centro de Umbanda devido a esse acordo pré-encarnação, foi comum uma postura inicial de recusa. A percepção de que o desenvolvimento mediúnico traria a obrigação de uma mudança de vida, de uma reforma íntima, trouxe para alguns esse sentimento de rejeição.

“Não sabia de nada disso e eu fiquei com muito medo, porque ele já me chamou para fardar logo de cara e eu ficava pensando, meu Deus eu não vou poder fumar maconha nunca mais, eu não vou poder sair nunca mais.” (Risos). “Porque eu achava que eu ia ter que largar minha vida inteira.” (Pombagira 7 Saias)

(E) (risos) *“Achava que era isso, né, largar tudo.”*

“la ter que largar tudo para poder viver isso aqui. Só que aí o amor por esse lugar foi maior, a gratidão por toda ajuda, por todo cuidado que eu recebi foi maior e essas coisas foram saindo da minha vida sem que eles me pedissem.” (Pombagira 7 Saias)

Pontuamos que nem sempre o médium escolhe se desenvolver no primeiro Centro umbandista que frequenta. Três médiuns desenvolvendo relataram terem sido convidados a desenvolverem em um Terreiro diferente daquele onde efetivamente passaram pelo processo. Os motivos elencados para não aceitarem disseram respeito a uma percepção de que não estariam maduros suficientes, para um médium, e uma desconfiança sobre aquele Terreiro, para dois médiuns.

Além disso, outros dois médiuns iniciaram seu desenvolvimento em um lugar diferente daquele que atualmente frequentam. Para esses dois últimos, a mudança de local ocorreu por questões transversais, como a mudança do local de residência e, por consequência, a mudança da distância entre a casa da pessoa e o Centro.

Motivações

As motivações dizem respeito às modificações pretendidas ou já realizadas depois da inserção no grupo de médiuns de um Terreiro de Umbanda. Acreditamos que essas expectativas futuras são tão importantes para a conversão quanto as experiências passadas, que abordamos no subitem “motivos”.

“Fui direto e falei desesperado, oh, me ajuda, eu não sei o que está acontecendo tem umas coisas travadas no meu caminho. Estou sentindo que meu caminho está travado aqui e eu acho que é em outro lugar, mas eu não sei o que que é. E ele me tranquilizou, não, nós estamos juntos é aqui mesmo. Falando assim, né, mas eu vou te ajudar. Eu e o Tranca Rua que eu trabalho com ele vamos te ajudar, nós vamos para cima, nós vamos ver o que que vai acontecer.” (Exu Tiriri)

Para esse desenvolvimento a expectativa de resolução de um problema que afligia sua vida foi o grande responsável pela conversão. Vale ressaltar que a Umbanda é uma “religião de trabalho”, expressão largamente utilizada na observação participante, onde a prática da caridade auxiliando ao próximo é mais importante do que os aspectos teóricos teológicos.

Além desse aspecto de consecução de objetivos práticos, outros fatores motivadores para a conversão em médium umbandista foram modificações subjetivas conseguidas pelas pessoas. Na observação participante essas modificações foram comumente nomeadas de reformas íntimas, expressão muito usada também no Espiritismo Kardecista.

Na Umbanda, se acredita que a aproximação das entidades modifica a energia dos médiuns. Incorporar uma entidade provoca modificações na personalidade do médium, pois a energia da entidade imanta o médium e provoca modificações em seu agir. Considera-se na Umbanda que os seres humanos possuem um corpo energético, além do corpo físico, e que esses dois corpos funcionam como um todo integrado. As modificações provocadas pelas incorporações iniciam no corpo energético, também chamado de perispírito, e se generalizam para o corpo físico modificando seu funcionamento e suas emoções. No início do processo de incorporação as modificações tendem a aparecer de forma mais polarizada, causando estranhamento; e mais restritas temporalmente, se fazendo notar principalmente nos dias próximos aos dias em que ocorrem as incorporações. Os médiuns mais experientes relatam modificações de personalidade mais constantes, e modificações mais sutis nos dias próximos às incorporações.

(E) *“Hoje como que é?”*

“Não tão físico quanto era, que era uma coisa muito forte, assim, fisicamente. Hoje ainda tem. Mas hoje isso está muito mais sutil. Acho que a medida que eu fui entendendo o que era... é como se fosse assim, agora você entende, não precisa vir com tanta força, você já consegue compreender. (Cabocla Iara)

Vejamos algumas dessas modificações subjetivas, como relatadas durante as entrevistas. A Cabocla Iara entende que essas mudanças têm ligação com a vivência religiosa da caridade. Ela relata ter parado de beber, aguçado sua intuição e se tornado uma pessoa mais serena. Diz ainda ter se tornado menos materialista e mais empática.

“Não se apegar tanto a coisa material, de não ter tanta picuinha, de... eh, talvez não estar tão ligado com coisas terrenas no sentido assim de... eu quero casa, eu quero carro, eu quero isso, eu quero aquilo, eu quero aquilo outro. Não estar tão voltado pra isso, estar voltado para o outro lado também. De certa forma se colocar mais no lugar do outro, de entender o sofrimento das pessoas.” (Cabocla Iara)

A Pombagira Encruzilhadas, na mesma direção, afirma ter se tornado uma pessoa mais calma e tranquila com o início de seu desenvolvimento mediúnico. A Pombagira do Cais conta ter se tornado mais serena também. A Cabocla Jussara relatou ter parado de beber, e diz que se tornou mais responsável com sua vida e com a vida dos outros. Jussara enfatiza que este aumento de responsabilidade tem lados positivos e negativos, os negativos ligados à perda de uma leveza e a uma auto-observação constante.

A Pombagira Menina também apontou um aspecto negativo do desenvolvimento mediúnico, uma restrição que desenvolveu a sair para se divertir com seus amigos, que reclamam que ela “vive muito para o Terreiro”.

O Exu Capa Preta afirma ter perdido o medo da morte, e se tornado uma pessoa com mais fé e menos ansiedade.

“E eu sempre fui uma pessoa muito ansiosa, sempre tive muita pressa de resolver as coisas, e nesse primeiro momento as vezes a mudança mais importante foi uma certa confiança nas coisas uma certa serenidade que as coisas iriam dar certo, que me fez ficar um pouco menos ansioso.” (Exu Capa Preta)

Pombagira Maria Padilha disse que deixou de falar mal dos outros e de fazer fofoca, além de conseguir perdoar pessoas que haviam lhe magoado e de ter se tornado mais caridosa. A Pombagira da Estrada relata que hoje explode menos com as pessoas que a chateiam, e que se tornou uma pessoa melhor. A Pombagira Maria Navalha, que na adolescência sofreu com crises existenciais, encontrou um sentido após começar a desenvolver sua mediunidade.

“E quando eu comecei a sentir os meus guias, foi a certeza de que eu não estou sozinha, porque pela minha adolescência, eu nunca fui uma pessoa de muitos amigos. Eu sempre

fui muito sozinha. E saber da presença deles preencheu um vazio que eu tinha. Então, eu conversei com eles como se eles estivessem do meu lado.” (Pombagira Maria Navalha)

Ela também se modificou na direção de um maior senso de responsabilidade com os outros, e se tornou mais tolerante e compreensiva. A busca pela evolução espiritual se tornou algo importante, o que trouxe ganhos, mas também trouxe culpa frente aos erros que percebe cometer.

O Caboclo Arranca-Toco afirma ter conseguido controlar sua raiva e começar a pensar antes de falar, e que isso ajudou muito em suas relações familiares e de trabalho. O Caboclo Tupinambá diz ter se tornado mais aberto às pessoas e à vida em geral.

O Exu Tiriri é outro médium que enfatiza ter se tornado mais caridoso:

“Foi uma coisa que eu aprendi muito aqui, esse estar com o outro, com o humano. De não se retrair, de realmente, por mais que você esteja se sentindo mais ou menos, ou não tão bem, tem gente que pode estar pior, aí você mesmo assim você pode ajudar. E que é ajudando mesmo nas dificuldades suas que você ajudando o outro que você se facilita também, se resolve.” (Exu Tiriri)

Ele fala também que parou de frequentar bares e de ficar com pessoas de energia pesada, e que se tornou menos influenciado pela opinião dos outros.

As Pombagiras da Meia Noite e 7 Saias são outras desenvolventes que relatam ter parado de usar drogas, álcool no caso da primeira e maconha no caso da segunda. A Pombagira 7 Saias relata que isto aconteceu de forma gradativa e natural, sem sofrimento. Ela diz que hoje é mais tolerante, o que a ajuda a se manter por mais tempo nos empregos; mais focada e serena.

“A minha serenidade para lidar com as pessoas, eu sempre fui muito paciente, muito acolhedora, muito amiga, mas eu não tinha muita paciência. Então, eu passei a ouvir mais o outro, observar mais o outro com mais paciência, né. Isso foi ótimo para mim. E ter mais discernimento e silêncio para algumas situações. E aí, isso foi me fazendo querer ficar, aprender as coisas, né, que a gente aprende aqui diariamente, isso foi me fazendo querer ficar cada vez mais.” (Pombagira 7 Saias)

Resumindo, podemos dizer que os médiuns relatam prioritariamente mudanças positivas provocadas pelo desenvolvimento mediúnic, e que essas mudanças os influenciaram para se converter e se manter na religião. Serenidade e calma são as mudanças positivas mais citadas. Um aumento da preocupação com os outros e uma maior restrição a hábitos antigos são citados por alguns como mudanças negativas, as mesmas mudanças são percebidas como positivas por outros.

Esse dado sobre modificações subjetivas positivas a partir da conversão em médium umbandista corrobora os achados de outra pesquisa, realizada com dois Centros de Umbanda da cidade de São Gonçalo – RJ. Nas palavras dos autores do referido artigo: “Verifica-se que a conversão na Umbanda, respectivamente, contribuiu para a ocorrência de impactos positivos sobre a vida e a forma de ser dos participantes do estudo”¹².

Apesar dessa visão prioritariamente positiva sobre as mudanças advindas do início do trabalho com as entidades de Umbanda apareceram nas entrevistas e nas conversas realizadas na observação participante falas sobre as dificuldades e medos presentes durante o desenvolvimento mediúnico.

Os medos mais frequentemente relatados durante as entrevistas e observação participante foram o medo de não estar incorporando de maneira correta, e por isso acabar atrapalhando o trabalho das entidades e trazendo malefícios à vida da assistência; o medo da responsabilidade de ser médium (que aumenta quando a pessoa é informada que terá que abrir a própria casa de Umbanda); e o medo de nunca incorporar, este último para médiuns na primeira etapa do desenvolvimento mediúnico. Médiuns vindos de religiões e/ou famílias que demonizavam as religiões com matrizes africanas relataram dificuldades advindas do próprio preconceito e do preconceito de amigos e familiares. Quatro médiuns tiveram essa vivência de preconceito.

Consideração finais

Iniciamos o texto apresentando nossa pergunta de pesquisa: O que leva uma pessoa a buscar desenvolver-se mediunicamente dentro da Umbanda? Depois apresentamos a Umbanda em seus aspectos de religião brasileira marcada pelos processos sociais de urbanização e crescente educação formal da população. A caracterizamos como religião sincrética, espiritualista, reencarnacionista, cristã, afro-

¹² SPEZANI, Renê S. *et al.* Antes e depois da conversão na Umbanda: a construção de um circuito afetivo-representacional religioso. *Religare*, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 299-323, ago. 2020, p. 317. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/50480/31512>. Acesso em: 18 out. 2020.

brasileira e da natureza. Explicitamos também o conceito de mediunidade que utilizamos no artigo.

Começamos a abordar então a pesquisa empírica, a partir da descrição de como realizamos a coleta e a análise os dados, e de uma breve apresentação dos sujeitos de pesquisa.

Os resultados da pesquisa de campo apontam que a conversão em médium umbandista é influenciada por motivos, ligados às vivências passadas, e motivações, ligadas às vivências atuais e às expectativas futuras.

Os motivos elencados pelos sujeitos de pesquisa dizem da influência familiar; do contato com pessoas pertencentes à religião, amigos e amores; de um encantamento com a religião após conhecê-la, ligado tanto aos rituais quanto à ideologia umbandista; e da vivência de experiências místicas dentro a religião. Dizem também da cura de enfermidades e da resolução de questões complicadas através do auxílio recebido na Umbanda gerando a vontade de se desenvolver mediunicamente na religião.

As motivações elencadas apontam expectativas de receber ajuda em questões específicas após ingressar na religião, e principalmente da possibilidade das pessoas se melhorarem como seres humanos a partir de uma vivência religiosa mais intensa. Os participantes da pesquisa disseram de importantes modificações subjetivas a partir de seu desenvolvimento mediúnico, e da expectativa que esse processo continuaria a ocorrer. Foram apresentadas também, apesar de em menor número, algumas modificações negativas ligadas à conversão em médiuns umbandistas.

Fechando nossas considerações finais sobre o processo de se tornar médium, gostaríamos de apontar que nossa pesquisa não pretende esgotar a questão. Umbandas são várias, e diferentes entre si. Nossa pesquisa mostra como o fenômeno se descortinou nos quatro Centros pesquisados. São necessárias pesquisas futuras que ratificarão e/ou retificarão nossos achados com dados e informações colhidas em outras Casas de Umbanda. O entendimento de uma subjetividade aberta ao ambiente sugere que modificações nos locais onde o desenvolvimento mediúnico acontece modificam, pelo menos parcialmente, o processo. Pesquisas posteriores poderão oferecer melhor entendimento sobre este aspecto. A pesquisa abre também a

possibilidade de pesquisar como o processo de desenvolvimento mediúnico acontece em outras religiões de incorporação, e de comparar esses novos dados com os achados de nossa pesquisa.

Referências

- ALMEIDA, Ronaldo de; BARBOSA, Rogério. Transmissões religiosas nos domicílios brasileiros. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). *Religiões em Movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 311-328.
- BIRMAN, Patrícia. *O que é Umbanda*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.
- ENGLER, Steven. Umbanda: Africana or Esoteric? *Open Library of Humanities*, v. 6, l. 1, p. 1-36, 2020. Disponível em: <https://olh.openlibhums.org/articles/10.16995/olh.469/>. Acesso em: 13 set. 2020.
- JAMES, William. *As Variedades da Experiência Religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1991.
- LAGES, Sônia R. Corrêa. *Exu – Luz e Sombras*. Um estudo psico-junguiano da linha de Exu na Umbanda. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 2003.
- LAGES, Sonia R. Corrêa. Entre Iracema e a Pomba-gira Maria Padilha – a trajetória criativa da psyche. *Mandrágora*, São Bernardo do Campo, v. 1, p. 1-7, 2007.
- MARIANO, Ricardo. Pentecostais em ação: A demonização dos cultos afro-brasileiros. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). *Intolerância religiosa: Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2007. 1 v., p. 119-147.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. *Tempo Social*, São Paulo, v. 5, n. 1/2, p. 113-122, 1993.
- NUNES, Maria J. Rosado. A sociologia da religião. In: USARSKI, Frank (Org.). *O espectro disciplinar da ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 97-119.
- ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro. *Cadernos CERU*, v. 9, p. 119-125, 1976.
- SARACENI, Rubens. *Doutrina e Teologia de Umbanda Sagrada*. São Paulo: Madras, 2010.
- SPEZANI, Renê S. et al. Antes e depois da conversão na Umbanda: a construção de um circuito afetivo-representacional religioso. *Religare*, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 299-323, ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/50480/31512>. Acesso em: 18 out. 2020.